



**CORONEL VAZ DE CASTRO**  
Chefe de Estado-Maior da 2ª Região Militar.



**CORONEL ZARY**  
Chefe do Escalão Logístico da 2ª Região Militar.

## **A FEB E A 10ª DIVISÃO DE MONTANHA AMERICANA: INFLUÊNCIAS NA CRIAÇÃO DA TROPA DE MONTANHA DO EB**

A declaração de guerra do Brasil contra os países do Eixo, em 1942, não representou o marco inicial da preparação de uma tropa do Exército para ser empregada no além-mar, mas sim, a resolução de diversos problemas administrativos, visando à formação de uma tropa, com o valor de uma Divisão.

Dentre esses, estavam a mobilização de pessoal, a aquisição de armamentos, a adaptação de uniformes e a modernização da instrução, uma vez que a Missão Militar Francesa não tinha conseguido arraigar aspectos doutrinários importantes no Exército Brasileiro (EB), mesmo após vinte anos de atuação.

As operações combinadas entre o Brasil e os EUA tiveram início em 1942 com a Marinha, logo após a declaração de guerra contra a Alemanha, em resposta à campanha submarina realizada pela Kriegsmarine. No fim de 1943, foi a vez do 1º Grupo de Aviação de Caça da Força Aérea Brasileira ser empregado na Segunda Guerra Mundial. O envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para a guerra se deu em meados de 1944, quando a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE), com mais de 25.000 “pracinhas”, foi incorporada ao V Exército dos EUA para operar na Itália.

A declaração de guerra dos Estados Unidos da América (EUA), após o ataque a Pearl Harbor, em 1941, foi o ponto chave para a gigantesca mobilização nacional, incluindo a modernização doutrinária e organizacional do Exército norte-americano.

O fortalecimento das relações militares entre as Forças Terrestres norte-americana e brasileira aconteceu após o Comandante Supremo Aliado no Teatro de Operações (TO) Europeu escolher o local de atuação da FEB. Como consequência, foram intensificados os esforços para que a sua preparação fosse finalizada o mais rápido possível, a fim de ser empregada como força operativa na Itália, o que não incluía, naquela ocasião, o treinamento específico em montanha.

Entre as modificações e inovações dos norte-americanos, uma das principais foi a criação da 10ª Divisão de Montanha (Div Mth), especialmente equipada e adestrada para operar em ambiente montanhoso.

Essa Divisão foi a última a ser enviada ao TO Europeu, mais especificamente à Itália, sendo empregada com êxito na conquista de uma cadeia de montanhas nos Apeninos, no contexto da Operação Encore, da qual a FEB também participou.

O tempo de preparação da tropa americana foi consideravelmente superior à brasileira, resultando em diferentes níveis iniciais de instrução, algo equilibrado pela FEB apenas após alguns meses em combate. O combate em regiões montanhosas apresenta características bastante específicas, exigindo um preparo cuidadoso, especialmente no que tange à capacitação física e orgânica dos combatentes. Como o ambiente em montanha é extremamente hostil e combates podem ocorrer futuramente nestas áreas, é essencial que um exército mantenha alguma tropa adestrada permanentemente para atuar neste tipo de terreno.

A aproximação das duas Divisões, a 1ª DIE e a 10ª Div Mth, influenciou parcialmente na modernização do Exército Brasileiro décadas mais tarde.

Assim, o objetivo do presente artigo é demonstrar um dos aspectos desta modernização: a criação de uma tropa específica de montanha, que existe até hoje e é uma das especialidades mais consolidadas da Força Terrestre.

### **A SITUAÇÃO DO EXÉRCITO BRASILEIRO, NO PRÉ-GUERRA**

Durante a década de 1930, o EB apresentava dificuldades para absorver os ensinamentos

advindos da Missão Militar Francesa e preparar-se adequadamente para uma guerra de grandes proporções. Isto se devia à necessidade de resolver problemas internos

de disciplina, lidar com revoluções nacionais, como a de 1932, bem como enfrentar um novo inimigo, o comunismo, consubstanciado pela Intentona de 1935<sup>1</sup> (NASCIMENTO, 2010).



Fig 1 – Oficiais da Missão Militar Brasileira na França - I Guerra Mundial

Fonte: Brasil, 2012.

Quanto à preparação para o seu emprego, o esforço era considerado insuficiente e quase inútil, devido ao limitado desenvolvimento científico e a incipiente industrial nacional, especialmente em comparação com os europeus e americanos. Tanto mental quanto materialmente, o Exército Brasileiro estava preparado para lutar a guerra de 1918, mas não a de 1939.

Diante dessa realidade, o aprestamento de uma tropa para ser enviada ao além-mar impunha a superação de inúmeros problemas, os quais começaram a ser resolvidos, somente por meio da Portaria Ministerial 47-44, de 9 de agosto de 1943, a qual formalizou a estruturação da FEB.

A partir de então, as tropas empenhadas na formação da 1ª DIE passaram a seguir um plano de treinamento cada vez mais intenso, que incluía o emprego de material militar americano, em substituição ao francês e ao alemão, bem como o aprendizado da doutrina americana, em lugar da francesa. Este treinamento enfatizava especialmente as táticas de infantaria em conjugação com os fogos de artilharia, ficando as tropas,

teoricamente, em condições de participar das operações na Europa inseridas em um Exército de Campanha americano.

#### A SITUAÇÃO DO EXÉRCITO NORTE-AMERICANO, NO PRÉ-GUERRA, E A CRIAÇÃO DA 10ª DIVISÃO DE MONTANHA

A mobilização americana para a guerra foi colossal, aumentando o efetivo do Exército de pouco mais de 260.000 oficiais e praças para cerca de 8 milhões, entre os anos de 1940 e 1945 (MAXIMIANO, 2011), apenas para citar um exemplo. Nesse intervalo, a organização de suas divisões oscilou conforme a nação norte-americana se preparava para o conflito.

Ao longo da preparação para a iminente guerra na Europa, *lato sensu*, o Exército aprovou em 21 de junho de 1943, a formação de três Divisões Leves. Uma dessas divisões seria equipada com esquis, raquetes de neve, trenós individuais e trenós de carga. Devido ao crescente número de tropas com treinamento especializado em combate no inverno concentradas em Camp Hale, o Exército decidiu que deveria ser organizada

1. Levante contra o Presidente Getúlio Vargas, caracterizado por ações em Natal, Recife e Rio de Janeiro, organizado pelo Partido Comunista Brasileiro e liderado por Luís Carlos Prestes.

uma estrutura divisional, criando assim a 10ª Divisão Leve (Alpina), com um efetivo inicial de 9.538 homens.

Em novembro de 1944, o Departamento de Guerra publicou tabelas de organização e equipamento que refletiam essas mudanças, ampliando o efetivo da Divisão para 14.101 oficiais e praças, além de 6.152 animais, especialmente muars. No mesmo mês, a 10ª Divisão Leve foi renomeada como a 10ª Divisão de Montanha e, em dezembro, ela foi finalmente deslocada para o TO do Mediterrâneo, estando em condições de combater no TO italiano. Porém, os animais só foram fornecidos ao chegarem na região de destino (US ARMY, 1946).

### **OPERAÇÕES EM MONTANHA E A NECESSIDADE DE TROPA ESPECIALIZADA**

O combate em montanhas ocorre em um espectro operacional diferenciado, caracterizado por desafios únicos. Entre os maiores obstáculos estão o frio extremo e a fadiga, fatores constantes neste tipo de ambiente (ROTTMAN, 2012). Assim sendo, é imprescindível que os exércitos recebam treinamento e adquiram experiência para compreenderem as peculiaridades

deste tipo de terreno e como estas afetam o combate. As tropas que executam treinamentos específicos em ambientes montanhosos estão melhor preparados para o combate do que aqueles que não o fazem (MALIK, 2004).

Estima-se que cerca de 27% da superfície terrestre seja composta por montanhas (FAO, 2013), logo, é lícito supor que futuras contendas poderão acontecer, também, nesse tipo de ambiente. Este fato, por si só, já torna o tema relevante para qualquer exército.

As lições aprendidas sobre a guerra em montanha, obtidas nos ensinamentos colhidos durante a Segunda Guerra ainda se aplicam no combate moderno. Atualmente, o Exército do Paquistão é um dos que possuem maior experiência em operações nas montanhas pois está presente na região da Caxemira há mais de 50 anos, com participação em combates contra a Índia, em 1984 e em 1999. A região da Caxemira, predominantemente composta em grande parte pelas alturas Kargil, apresenta elevações médias de 2.676 metros (MALIK, *ibid*), permanecendo como área de litígio entre os dois países.



Fig 2 – Montes Apeninos, no setor do IV Corpo de Exército

Fonte: US Army, 2021.

Além disso, a manutenção do funcionamento adequado das armas torna-se mais difícil, sendo necessário protegê-las contra neve e gelo. Tais condições foram amplamente vivenciadas durante a Segunda Guerra, tanto pela FEB quanto pela 10ª Div Mth, durante todo o período do inverno de 1944/45, quando as temperaturas chegaram a -20° C.

### **O INÍCIO DO MONTANHISMO NO EB**

O emprego da FEB e da 10ª Div Mth em terreno montanhoso ocorreu devido à necessidade dos aliados em controlar as altitudes que dominavam a estrada Porretana (rodovia SS 64), que liga Pistóia a Bolonha. Com a posse dos referidos picos,

entre eles o Monte Castello e o Belvedere, os aliados teriam um ponto estratégico para avançar na direção de Bolonha e, conseqüentemente, do vale do rio Pó.

Essa manobra ficou conhecida como a Ofensiva da Primavera (NORTON, 1984), possibilitando a vitória final dos aliados, na Itália, em 3 de maio de 1945.



Fig 3 – Integrante da FEB, em uma das encostas dos Montes Apeninos, em fevereiro de 1945

Fonte: coleção do autor.

Tamanha importância dessa experiência, o Exército americano optou por manter a 10ª Div Mth mobilizada, inclusive com emprego em missões reais, como a guerra do Afeganistão, recentemente. No Brasil, apesar de não existirem cadeias montanhosas muito altas, o Estado-Maior do Exército reconheceu a necessidade de se ter uma tropa especializada, atribuindo à 4ª Brigada de Infantaria Motorizada, em 1977, a missão de desenvolver estudos de técnicas e táticas de operações em montanha, com o objetivo de fundamentar uma doutrina militar sobre o assunto (CARDOSO, 1988).

Assim, o 11º Batalhão de Infantaria de Montanha (11º BI Mth) foi transformado na Unidade pioneira dessa nova especialidade, passando a operar um campo de instrução em terreno acidentado em 1978, para aplicar as técnicas exigidas para o combate em montanha. Adicionalmente, desde 1984, o 10º e o 12º Batalhões de Infantaria (BI) passaram a formar escaladores militares, os combatentes básicos de montanha. No entanto, a formação dos guias de cordada<sup>2</sup> e dos guias de montanha<sup>3</sup> continuou a cargo, apenas, do 11º BI (EME, 1984).

A recente transformação (2012) da 4ª Brigada de Infantaria Motorizada – Juiz de Fora – MG - é mais um reflexo da importância

auferida pelo Exército Brasileiro para o treinamento em terreno montanhoso. Embora essa transformação estivesse prevista desde 1991 (EME, 1990), ela se deve, em maior medida, aos exemplos dos treinamentos realizados e aos ensinamentos colhidos por outros exércitos em combate, como o americano, o russo, o indiano e o paquistanês, bem como, em menor medida, ao distante emprego da FEB nos Apeninos.

O documento supracitado também determinava que o 11º BI fosse adestrado para operações em montanha, ficando em condições de operar, como reserva estratégica<sup>4</sup>, em qualquer tipo de região montanhosa do território nacional ou sul-americano, com a exceção da região andina, ou seja, excluía a preparação de tropas brasileiras para as altas montanhas.

Tal aspecto ganha ainda mais relevância, uma vez que parte das montanhas brasileiras estão localizadas no Norte do País, em regiões fronteiriças (Pico da Neblina, 31 de Março, Monte Roraima e Pico da Codorna). A exemplo da experiência do Exército Colombiano nos embates contra as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, nos Andes (GRAU & BARTLES, 2011), o Brasil pode enfrentar a necessidade de empregar tropas em territórios altos próximos às suas fronteiras.

2. Especialista na condução de equipes de escaladores por vias de difícil acesso e de elevado grau de dificuldade.

3. Especialista apto a executar reconhecimentos técnicos em montanha, assessorar o comando da tropa por terreno montanhoso, selecionar as melhores vias, ultrapassar paredões até o 6º grau de dificuldade e realizar busca e salvamento naquele ambiente operacional.

4. Sob controle operacional do COTER.

## LIÇÕES APRENDIDAS

As lições aprendidas, com o emprego de tropas especializadas e não especializadas em terreno montanhoso, a partir da campanha da Itália, foram (SCHMELZER, 1944, *apud* GREER, 1978; LUTTAK, 1982, *apud* GREER, *ibid*), adaptadas por Zary e Castro:

1. Se uma unidade for treinada em montanhismo, como nas técnicas de escalada, ela pode ser empregada com grande vantagem tática, partindo de uma direção inesperada, como foi o caso da 10ª Div Mth em *Riva Ridge*; isso facilita o uso de táticas de infiltração, amplamente aplicáveis em terrenos acidentados.

ARMAMENTO DE ARTILHARIA DE CAMPANHA			
a) Adquirido anteriormente			
ESPÉCIE	Distribuído	Em depósito	Total
Canhão Krupp 75 C/14.....	20	4	24
Canhão Krupp 75 C/28 T.L. transformado em T.R.....	30	—	30
Canhão Krupp 75 C/28 1905.....	32	2	34
Canhão Krupp 75 C/28 1908.....	105	2	107
Canhão Krupp 75 C/26 1937.....	96	4	100
Canhão Krupp 75 C/34 1940.....	62	2	64
Canhão Schneider 75 C/18,6 1919	84	3	87
Canhão Saint Chamond 75 C/26 1917.....	11	1	12
Obus Krupp 105 C/14 1908.....	20	—	20
Canhão Krupp 88 C/56 anti-aéreo	28	—	28
Canhão Schneider 155.....	4	—	4

Fig 4 – Peças de artilharia existentes no Exército Brasileiro, antes da FEB

Fonte: Memorial FEB, 2024.

2. As unidades de montanha devem contar com um apoio de fogo adequado, com o calibre dos obuses sendo aumentado de 75 mm (uma quantidade maior era utilizada no pré-guerra), para, no mínimo, 105 mm, em 1944 (Fig 4). Estas unidades também devem dispor de meios de transporte terrestres adequados para facilitar ao máximo o envio de suprimentos para as áreas montanhosas.

3. O foco do treinamento em pequenas frações gerou grandes resultados na campanha da Itália. Os comandantes tinham como objetivo cumprir a missão, mesmo quando ficavam separados de seus escalões enquadrantes, o que é comum de acontecer em terreno demasiadamente acidentado, como os montanhosos, característica amplamente utilizada por russos e ucranianos, na atualidade.

4. Os soldados da 10ª Div Mth tiveram experiências com avalanches, queda de pedras, mal da montanha, exaustão, clima severo, congelamento e neve, antes de serem deslocados para a zona de combate. Isso trouxe uma vantagem significativa em relação às outras divisões empregadas no TO italiano.

5. O emprego de morteiros em quantidades adicionais, além do previsto no Quadro

de Distribuição de Material, beneficiou as operações táticas de pequenas unidades, já que o raio de impacto dos estilhaços da munição é menor do que o da artilharia, facilitando o emprego quando a linha de contato está muito próxima ao inimigo.

6. Armas anticarro, como o lança rojão de 2.36 polegadas, poderiam ser empregadas para controlar passagens de montanhas e redes de estradas. Esse armamento foi utilizado também na destruição de casamatas alemãs fortificadas.

7. Devido à baixa disponibilidade de obuses 105 mm, a capacidade de realizar fogos diretos deveria ser dobrada, considerando-se, para isso, o emprego dos Browning Automatic Rifle (BAR) e das metralhadoras calibre .30, dos Regimentos de Infantaria.

8. Sapadores de Engenharia, quando posicionados à frente, juntamente com a Infantaria, podem auxiliar de modo mais eficaz na mobilidade da tropa.

9. A moral, em terreno montanhoso, depende da provisão das necessidades básicas do infante: ração, água, abrigo, roupas quentes, trocas constantes de meias e um saco

de dormir. Durante a fase de inverno, essas necessidades nem sempre foram supridas adequadamente. A FEB aprendeu a executar todos esses ensinamentos à medida que o material necessário se tornava disponível.

10. Cerca de 60% das baixas nas montanhas podem ser atribuídas à exaustão. Quando o corpo humano está enfraquecido, fica suscetível a inúmeras doenças, como o pé de trincheira, o congelamento e pé de imersão (UNITED STATES FORCES, 1946). Somente o pé de trincheira foi responsável por 46.107 baixas entre os americanos, enviados aos hospitais da Europa entre 1944 e 1945, o que equivale a 9,25% das baixas totais do Exército americano em toda a campanha.



Fig 5 – A neve e o frio intenso na vida da tropa no TO italiano. Inverno de 1944 para 1945  
Fonte: coleção do autor.

O Brasil foi o único país latino-americano a enviar tropas para combater as forças do Eixo durante Segunda Guerra Mundial, o maior conflito armado da história da humanidade.

Em síntese, conclui-se que a capacidade de mobilização nacional dos EUA para atender ao referido conflito, foi imensurável, proporcionando as melhores condições para

que suas tropas realizassem operações em qualquer terreno, inclusive o montanhoso.

Pode-se concluir também, que as referidas operações contribuíram significativamente para o aprimoramento militar dos brasileiros, seja pela proximidade com os americanos, seja pelos ensinamentos absorvidos na campanha, ou ainda pelos equipamentos adquiridos, meses antes de se iniciarem os combates.

Primeiramente, as operações conduzidas na Itália, em conjunto com a 10ª Div Mth, conferiram à FEB características próprias, diferenciando-a do restante do Exército Brasileiro, que apenas mantinha arraigada uma ínfima parte dos ensinamentos assimilados dos franceses.

Em segundo lugar, a interação com outras tropas trouxe profundas mudanças à FEB, em termos de treinamento, alimentação, fardamento, equipamento, armamento e relações disciplinares entre oficiais e praças, enquanto o restante do EB permanecia apresentando dificuldades em termos de materiais e de adestramento.

Ademais, apesar da falta inicial de treinamento para o emprego de tropa em terrenos montanhosos e climas frios, a FEB foi gradualmente preparada, cumprindo todas as missões a ela impostas pelo escalão superior, a partir da ofensiva da Primavera, e conquistando o respeito de todos os militares aos quais ficou subordinada. A “montanha” acabou sendo um obstáculo que proporcionou duras lições à FEB, mas foi superado por meio de instruções e treinamentos.

Ainda que grande medida dos ensinamentos adquiridos pelos pracinhas na guerra tenham se perdido com o tempo, o EB conseguiu evoluir, principalmente no que tange à necessidade de manter uma tropa preparada para operar em ambiente montanhoso.

Por fim, conclui-se que o EB deve aproveitar os ensinamentos obtidos em outros países, seja por meio de treinamentos conjuntos, da realização de cursos no exterior ou dos colhidos em guerras alheias. Soma-se a isso a busca por continuar desenvolvendo sua própria tropa de montanha, tendo em vista que, se preciso for, tenha condições de defender os interesses do Brasil em quaisquer situações que exijam uma operação nesse tipo de terreno.

#### REFERÊNCIAS

- BRASIL. Brasiliana Fotográfica, 2012. **Oficiais da Missão Militar Brasileira na França - I Guerra Mundial (1914-1918)**. Acesso em: 05 Set 24. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/6079>>
- BRASIL. Portaria Ministerial nº 47-44, de 9 de agosto de 1943.
- Cardoso, Alberto Mendes. 11º BI – Regimento Tiradentes. Unidade Escola de Montanhismo Militar. **Relatório de Montanhismo**, novembro de 1988.

Estado-Maior do Exército. **Of Nr 347/SC** – 1.2.3, de 24 de setembro de 1984.

Estado-Maior do Exército. **Plano de Estruturação da Força Terrestre**. SIPLEx Nr 6, 1990.

FAO - Food and Agriculture Organizations of the United Nations. **Mountains: Key to a sustainable future**. Disponível em: < <http://www.fao.org/forestry/39072-098c3cdbfbf397311a6a699f76967a5d2.pdf>>. Acesso em: 09 de dezembro de 2013.

Grau, Lester W. & Bartles, Charles K. **Mountain Warfare and other Lofty problems**. Foreign Military Studies Office. Fort Leavenworth, Kansas, 2011.

Greer, Jon D. **Mountain Infantry – Is there a need?** US Army Command and General Staff College. Kansas: Fort Leavenworth, 1978.

Luttwak, Edward N. **The US Army 10<sup>th</sup> Mountain Division**. Chevy Chase: TRADOC Contract, 1982, *apud* Greer, Jon D., *ibid*.

Malik, Muhamed Asim. **Mountain Warfare – The need for specialized training**. Military Review: Sep – Oct 2004.

Maximiano, Cesar Campiani. A Guerra dos Historiadores: S.L.A. Marshall e as avaliações da infantaria da Segunda Guerra Mundial. **Revista Brasileira de História Militar**. Ano II – nº 5. Agosto de 2011.

Memorial FEB. **A Artilharia Expedicionária**. Disponível em: <<https://memorialdafeb.com/wp-content/uploads/2024/07/artilharia-exercito-brasileiro.jpg>> . Acesso em: 10 de Setembro de 2024.

Nascimento, Fernanda de Santos. **A Revista a Defesa Nacional e o Projeto de Modernização do Exército Brasileiro (1931-1937)**. Dissertação de Mestrado em História. Pontífice Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

Norton, Steve; *et all*. **Operation Encore – The 10<sup>th</sup> Mountain Division in action. Limited offensive in mountains. 19 February to 5 March 1945**. CSI Battlebook. Combat Studies Institute. Kansas: Fort Leavenworth, 1984.

Rottman, Gordon L. **US 10<sup>th</sup> Mountain Division in World War 2**. Oxford: Osprey Publishing, 2012.

Schmelzer, John F. **Report on Mountain Warfare**. Washington D.C. US Army War College, 1944, *apud* Greer, Jon D., *ibid*.

United States Forces, European Theater. **Trench Foot (Cold Injury, Ground Type)**. The General Board. Study Nr 94, 1946.

US Army. **Training in Mountain and Winter Warfare**. AGF Study No. 23. Washington, D.C.: Historical Section, AGF, 1946. p 11-12.

US Army. The Campaigns of World War II: A World War II Commemorative Series, 2021. **North Apennines**. Acesso em: 05 Set 24. Disponível em: <https://history.army.mil/catalog/pubs/72/72-34.html> >

## SOBRE OS AUTORES

O Coronel de Infantaria ERICK VAZ DE CASTRO é o atual Chefe de Estado Maior da 2ª Região Militar. Foi declarado aspirante a oficial pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 1995. Cursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais em 2003. No biênio 2011-2012, frequentou o Curso de Comando e Estado-Maior da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Licenciado em História pela Universidade de Taubaté (UNITAU), Pós-Graduado *Lato Sensu* em Política e Sociedade no Brasil Contemporâneo pela UNITAU e em História Militar pela Universidade do Sul (UNISUL). Comandou o 25º Batalhão Logístico (Escola). (erick449@hotmail.com).

O Coronel de Infantaria JULIO CEZAR FIDALGO ZARY é o atual Chefe do Escalão Logístico da 2ª Região Militar. Foi declarado aspirante a oficial pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 1997. Cursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais em 2005. No biênio 2013-2014, frequentou o Curso de Comando e Estado-Maior da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). É mestre em Ciência da Motricidade Humana, pela Universidade Castelo Branco (UCB) em 2004-2005. Realizou curso de extensão em História Contemporânea pela Universidade de Virgínia (EUA) em 2013. Foi Comandante do VII Contingente Brasileiro junto à Missão das Nações Unidas no Líbano (UNIFIL) em 2017-2018 e do 2º Batalhão de Polícia do Exército em 2020-2021. (juliozary1997@gmail.com).